

A HISTÓRIA DE JEMIMA PUDDLE-DUCK



BEATRIX POTTER

Tradução e edição
CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: A História de Jemima Puddle-Duck
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

<https://www.imagismo.com.br/>



A História de Jemima Puddle-Duck

Beatrix Potter

Texto Original: [Project Gutenberg](#)

Língua Original: Inglês (1908)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros



Beatrix Potter (1866–1943) foi uma influente escritora, ilustradora e naturalista britânica, imortalizada por seus contos infantis. Sua obra mais famosa, *The Tale of Peter Rabbit* (1902), foi um sucesso imediato, unindo aquarelas botânicas a uma narrativa cativante. Autodidata em micologia e desenho científico, Potter utilizou o lucro de seus livros para se tornar uma próspera fazendeira na região de Lake District. Lá, dedicou-se à criação de ovelhas da raça Herdwick e à conservação ambiental. Pioneira, patenteou o primeiro boneco de Peter Rabbit, tornando-se também uma visionária no licenciamento de personagens. Ao falecer, doou vastas extensões de terra ao National Trust, garantindo a preservação das paisagens naturais que inspiraram seu legado literário e artístico.



Vejam que cena curiosa: um bando de patinhos seguindo uma galinha! Escutem agora a trajetória de Jemima Puddle-Duck, que vivia indignada, visto que a esposa do lavrador a proibia de incubar os próprios ovos.



Sua cunhada, a Sra. Rebeca Puddle-Duck, demonstrava total desprendimento em ceder a incubação a outrem:

— Falta-me paciência para permanecer sobre um ninho por vinte e oito dias; e a você também, Jemima. Você permitiria que eles esfriassem; bem sabe que o faria!

— Desejo chocar meus próprios ovos; farei tudo sozinha — grasnou Jemima Puddle-Duck.



Ela buscou ocultar sua postura, contudo os ovos eram invariavelmente descobertos e removidos. Jemima Puddle-Duck sentiu-se tomada pelo desespero. Decidiu, então, construir um ninho em um local bem distante da fazenda.



Ela partiu em uma radiante tarde de primavera, seguindo pelo caminho das carruagens que sobe até o cume da colina. Trajava um xale e uma touca de abas amplas. Ao chegar ao topo da colina, ela avistou um bosque ao longe. Ela achou que parecia um lugar seguro e tranquilo.



Jemima Puddle-Duck não costumava voar, porém correu alguns metros encosta abaixo, a agitar o xale, e então alçou voo. Ela demonstrava grande destreza no ar sempre que obtinha um bom impulso inicial. Deslizou sobre o topo das árvores até avistar uma clareira no coração da mata, onde os troncos e arbustos tinham sido suprimidos.



Jemima pousou com visível esforço e pôs-se a caminhar com lentidão, à procura de um recanto seco e apropriado para construir seu ninho. Agradou-lhe sobremaneira um tronco decepado entre altas dedaleiras. Todavia, ao acomodar-se ali, sobressaltou-se ao deparar com um cavalheiro de trajes elegantes, concentrado na leitura de um jornal. Ele possuía orelhas escuras e pontiagudas, além de bigodes em tom de areia.

— Quack? — indagou Jemima Puddle-Duck, com a cabeça e a touca inclinadas. — Quack?



O cavalheiro desviou o olhar do jornal e observou Jemima com interesse.

— A senhora por acaso se extraviou? — inquiriu ele.

Ele possuía uma cauda longa e felpuda, que lhe servia de assento, visto que o tronco se encontrava um tanto resvaladiço. Jemima julgou-o detentor de extrema polidez e beleza. Esclareceu que não se perdera, mas buscava um recanto seco e apropriado para a construção de seu ninho.



— Ah! Com efeito? Deveras! — exclamou o cavalheiro de bigodes em tom de areia, enquanto perscrutava Jemima com atenção. Dobrou o jornal e o acomodou no bolso traseiro de sua casaca.

Jemima lamentou-se sobre a galinha intrusa.

— Deveras! Quanta singularidade! Teria imenso prazer em conhecer tal ave. Eu a ensinaria a não se imiscuir em assuntos alheios!



— Quanto ao ninho, não vislumbro qualquer embaraço: possuo um saco repleto de penas em meu galpão de lenha. De modo algum, minha cara senhora, sua presença causaria o menor transtorno. Poderá permanecer ali o tempo que lhe aprouver — declarou o cavalheiro de cauda longa e felpuda.

Ele a conduziu até uma moradia bastante isolada e de aparência lúgubre, situada em meio às dedaleiras. A construção fora erguida com feixes de gravetos e turfa, e dois baldes avariados, empilhados um sobre o outro, faziam as vezes de chaminé.



— Esta é minha morada de verão; decerto não acharia minha residência de inverno tão acolhedora — declarou o hospitaleiro cavalheiro.

Nos fundos da habitação, encontrava-se um anexo em ruínas, construído com velhas caixas de sabão. O senhor abriu a porta e convidou Jemima a ingressar.



O galpão encontrava-se tomado por penas — a atmosfera era quase sufocante; contudo, o ambiente revelava-se aconchegante e de extrema maciez. Jemima Puddle-Duck demonstrou grande surpresa ao deparar-se com tamanha abundância de penas. Todavia, o conforto era inegável, e ela moldou seu ninho sem qualquer embaraço.



Ao sair, o cavalheiro de bigodes acastanhados encontrava-se sentado sobre um tronco com o jornal em mãos, ou melhor, mantinha-o aberto, mas observava por sobre a folha. Demonstrou tamanha polidez que parecia quase lamentar a partida de Jemima naquela noite. Empenhou sua palavra de que zelaria pelo ninho até o seu regresso, no dia seguinte. Afirmou ser um entusiasta de ovos e patinhos; que seria para ele um orgulho contemplar um ninho repleto deles em seu galpão.



Jemima Puddle-Duck vinha todas as tardes; depositou nove ovos no ninho. Eram de um tom verde-esbranquiçado e possuíam dimensões consideráveis. O astuto cavalheiro admirava-os sobremaneira. Ele costumava revolvê-los e contá-los na ausência de Jemima.

Por fim, Jemima comunicou-lhe que pretendia iniciar a incubação no dia seguinte:

— E trarei comigo uma saca de milho, para que não precise abandonar o ninho antes que os ovos eclodam. Eles poderiam resfriar-se — declarou a conscienciosa Jemima.



— Minha senhora, peço-lhe que não se inquiete com a saca; eu mesmo providenciarei a aveia. Mas, antes que inicie sua exaustiva jornada de choco, pretendo oferecer-lhe um agrado. Teremos um banquete apenas para nós dois!

— Poderia buscar algumas ervas na horta para compormos uma omelete apetitosa? Sálvia, tomilho e hortelã, além de duas cebolas e um bocado de salsa. Eu cuidarei da banha para o recheio, banha para a omelete, declarou o hospitaleiro cavalheiro de bigodes em tom de areia.



Jemima Puddle-Duck era de uma ingenuidade absoluta: nem mesmo a menção à sálvia e às cebolas despertou nela qualquer suspeita. Ela percorreu a horta da fazenda a debicar fragmentos de todas as ervas costumais no preparo de pato assado recheado.



Ela adentrou a cozinha com passos pesados e subtraiu duas cebolas de um cesto. O collie Kep a interceptou na saída e indagou:

— Qual a finalidade dessas cebolas? Para onde se dirige todas as tardes, solitária, Jemima Puddle-Duck?

Jemima sentia grande estima pelo collie; assim, relatou-lhe toda a história. O cão escutou-a com sua fronte sábia inclinada; um sorriso aflorou em seu focinho enquanto ela descrevia o cortês cavalheiro de bigodes em tom de areia.



Ele formulou diversas perguntas acerca da lenha e sobre a localização precisa da moradia e do anexo. Ato contínuo, retirou-se e seguiu a pé pela aldeia. Partiu em busca de dois jovens cães de caça, os quais se encontravam em companhia do açougueiro.



Jemima Puddle-Duck percorreu a estrada as carruagens pela última vez, sob a luz de uma tarde ensolarada. Trazia consigo uma saca repleta de maços de ervas e as duas cebolas. Alçou voo sobre o bosque e aterrisou diante da morada do cavalheiro de cauda longa e pelagem vasta.



O cavalheiro encontrava-se sentado sobre um tronco; farejava o ar e lançava olhares inquietos pelas cercanias do bosque. No instante em que Jemima aterrissou, ele sobressaltou-se.

— Entre logo após inspecionar os ovos. Entregue-me as ervas para a omelete. Seja ágil!

Ele demonstrou extrema rispidez. Jamais Jemima Puddle-Duck o ouvira expressar-se de tal forma. Sentiu-se tomada pela surpresa e pelo desalento.



Enquanto permanecia no interior, ela percebeu passos céleres nos fundos do anexo. Alguém, dotado de um focinho escuro, farejou a fresta inferior da porta e a trancou. Jemima sentiu-se profundamente alarmada.



Um instante depois, ouviram-se ruídos terríveis: latidos, uivos, rosnados e uivos, guinchos e gemidos.

E nunca mais se viu aquele cavalheiro de bigodes astutos.

Nesse momento, Kep abriu a porta do galpão e deixou sair Jemima Puddle-duck.



Lamentavelmente, os cães jovens precipitaram-se para o interior e devoraram todos os ovos antes que Kep lograsse impedi-los. Ele exibia uma ferida na orelha, enquanto ambos os filhotes claudicavam.



Jemima Puddle-Duck foi escoltada de volta à fazenda, desfeita em lágrimas pela perda de seus ovos.



Ela pôs mais alguns ovos em junho e foi-lhe permitido ficar com eles; mas apenas quatro eclodiram.

Jemima Puddle-duck disse que era por causa do nervosismo; mas ela sempre teve dificuldade para ficar sentada.

FIM